

Como uma pedra falsa ou um sonho de valsa ou corte de cetim

Aparecido é uma cabeça verde, presa a um emaranhado de prata falsa. Herda o nome de uma santa, aparecida numa rede de pescador, retirada da água e cultuada em altar. A cabeça de Aparecido também está fadada a um enredamento na falsidade reconfortante. Mas Luiz Hermano conta a verdade sobre o falso: nós o usamos, nós o adoramos, nós o glorificamos.

Que jogue a primeira pedra falsa quem nunca teve uma esmeralda de plástico. Estamos embaraçados na rede do consumo, nossos deuses frequentam o Olimpo do mercado de luxo e o que resta à maioria é viver feliz com o inautêntico. Na exposição “Falso Brilhante”, Luiz Hermano enaltece a falsificação descarada, eleva-a a mentira sincera.

Ao elaborar obras originais com pérolas de plástico, Luiz Hermano refere-se não apenas a nossa devoção ao consumo mas também à questão da autenticidade da obra de arte – um fantasma que ronda os acervos de grandes museus e tira o sono dos peritos – e da ética. Ao enovelar a cabeça de Aparecido em contas falsas, Hermano nos remete a outra cabeça provocativa que vem circulando no mundo da arte, a caveira cravejada de brilhantes de Damien Hirst. Um diamante é para sempre ainda que às custas de muitas vidas nas minas africanas. A pirataria – cujo símbolo é a caveira – vive em nossos computadores, sai dos nossos fones de ouvido.

O Aparecido de Luiz Hermano costura todas essas referências religiosas, éticas e econômicas usando a mesma matriz construtora que o artista empregou para cutucar o sistema da arte com a vara curta do artesanato: a teia de arame retorcido que marca a produção de Hermano já entrelaçou brinquedos, capacitores eletrônicos e agora segura miçangas brilhantes. Olhando bem para todos esses elementos que já foram célula das tramas de Luiz Hermano, percebe-se o denominador comum da fantasia de criar mundo novo num mundo que é finito. Mudam as peças, mantém-se a mesma estrutura de desejo de conhecimento do mundo e criação de novos mundos. Brincar é elaborar uma fantasia nutritiva e reconfortante. Fazer bijuteria de miçangas é brincadeira de criança. Microeletrônica ocupa o dia-a-dia dos adultos conectados a celulares e computadores, e está no cerne dos brinquedos do século 21, que já preparam a criança, desde cedo, para a teia do consumo e da pirataria tecnológica.

Vários trabalhos de outras séries de Luiz Hermano estão relacionados à arquitetura de templos que o artista visitou em suas inúmeras viagens pelo mundo. Na Tailândia, na Índia, na China, Hermano encontrou estátuas de budas em construções milenares, erguidas segundo a geometria sagrada, se encantou com mandalas que esquematizam o universo. Mas também passeou pelas ruas de comércio de quinquilharias de plástico, de brinquedos piratas, de computadores de procedência duvidosa. O sagrado enovelado com o profano. Construiu então grandes mandalas e cavalos celestiais feitos com capacitores de energia, repetiu o contorno de estátuas sagradas aramando super-homens e outros heróis de

brinquedo vendidos por quilo a 1,99 e agora nos traz esses broches gigantes de pedraria plástica.

Um desses adornos gigantes é Banda Larga, uma trama simples feita com entremeio de colar, prateado, e que no título revela seu parentesco com as obras feitas em 2007, que se referem mais explicitamente a tecnologia. As contas de colar, convenhamos, sempre estiveram conectadas à idéia de comunicação transcendental. Quando segura um terço nas mãos e conta dúzias de Ave Marias e Padre Nossos, o católico está seguindo um protocolo de comunicação com santos, em banda larga, transmissão de dados que começa com o login do sinal da cruz.

Contando estrelas inclui dois penduricalhos significativos para a leitura da obra de Luiz Hermano: o globo terrestre que o artista percorre incansavelmente e aquele que é talvez o único deus que faz milagres, o acaso, aqui incorporado em um embaralhador de números, desses usados em bingos e programas de auditório. Em Polinésia, a cor do mar que Luiz Hermano visitou recentemente fica no fundo de uma deliciosa profusão de pérolas, organizadas em uma forma arredonda e convidativa como uma almofada de cetim. Roda sintetiza os temas da tecnologia, do brinquedo, da perfeição divina, da finitude sem escapatória, tecendo tudo em círculos concêntricos brilhantes. Falso brilhante, que dá nome à exposição, é um relevo de parede que se assemelha a um brinco gigantesco e sem par. Uma pena, porque um brinco sem par é um objeto inútil e de uma solidão lamentável, como a condição humana, suportável apenas quando nos envolvemos num véu de falsidade benevolente, que nos distraia, que nos encante, que seja pedra de construção do nosso paraíso na terra.

Aparecido, envolvido em seu manto de metal de mentira, avisa que viver exige uma armadura de ilusão, véu de maia, tecido com tecnologia ou miçangas. Acreditar num colar ou numa santa pescada no rio são véus que se confundem. Por isso não saio sem brinco e checo meu email compulsivamente: alguma mensagem especial, de um deus ou de um astronauta, pode um dia trazer-me a anunciação.

Paula Braga, 2009